

## Enxertia: mergulhar no verde de pulmão e olhos abertos

ANA KEMPER (ARTISTA PESQUISADORA INDEPENDENTE)

MARIAH MIGUEL (PPGAC - UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, BRASIL)

### Resumo

Enxertia é uma investigação que se desdobra numa série aberta de imagens que se avizinham da foto performance, realizadas por ana kemper, com início em 2021. Desviando da coreografia marcada que seria escrever “sobre” este trabalho, kemper convida a pesquisadora mariah miguel para um exercício de escrita conjunta, um exercício “contra a interpretação” (Sontag 22), uma investigação com palavras que acontece junto-com as matérias e forças que compõem este trabalho: o corpo da artista, plantas domésticas como espécies companheiras (Haraway, Manifesto 20), mas também suas outras substâncias invisíveis-indizíveis com as quais as autoras lidam pela troca de correspondências, tecendo juntas uma escrita que dança imersa no conceito naturezas-culturas (Haraway, Manifesto 17) movida no ritmo da poesia, afinal: “a poesia faz alguma coisa acontecer” (Lorde 106).

**Palavras-chave:** espécies companheiras, pesquisa de artistas, correspondência, plantas, sonhos

A natureza é uma coisa que toca, mas nas cidades todos se encontram convencidos de que a natureza é uma coisa tocável. Se fosse um jogo, perguntarias: quem toca com mais força no outro? homem ou natureza? Mas como estar no dentro e empurrar o dentro? nenhum humano é tão rápido que não seja natureza. (Tavares 20)

Rio de Janeiro, 20 de dezembro de 2022,

mariah, minha tão querida amiga.

Combinamos como fazer esta troca de palavras, este movimento, vindas, as duas, da experiência de CAMINHADAS\_CAMINHANTES\_CAMINHAMOS [1], série de ações que a Eleonora Fabião [2] bolou e nos convocou para colaborar, neste dezembro de 2022. Vínhamos juntas do mar de Copacabana: você inteira mergulhada, eu só de pés salgados. Lembro de a gente ter conversado sobre lemanjá, que cuida de nossas cabeças, de inhome, de nutrição, flashes de um fluxo/enxame de assuntos movidos também pelas caminhadas que nossos corpos fizeram juntos com regência da Eleonora e que desaguaram no mar.

Durante muito muito tempo minha ideia de natureza era o mar. Lembro de uma pergunta que a Cristiana Grumbach [3], praticante de Taoísmo, uma vez me fez: qual é a natureza mais próxima de você? Sem nem precisar pensar, respondi: o mar. Ela retrucou:

~~~~~ seu corpo ~~~~~  
 ~~~~~  
 ~~~~~  
 ~~~~~

(*eu não sei falar porque estou a sentir* [4], vem comigo neste mergulho?)



Fig.1. *Ipomea-me*, 2022 da série *enxertia*. Fonte: acervo pessoal da artista ana kemper.

...

Quando a natureza era lá e não <aqui>, era no mar e não na mata que me sentia imersa na natureza. Na mata, era sempre uma certa perturbação que sentia com a luz esverdeada que as folhas refletiam nas trilhas da floresta da tijuca ou do horto. Essa perturbação – inicialmente visual – me embaralhava também a respiração; quem sabe o ar tingido de verde seja mais denso; sei lá, meu pulmão parecia não saber respirar um ar tão verde ou tanto verde no ar. Eu achava que não gostava da mata porque me sentia *estranha* ali, a mata estranhando meu corpo urbano, eu estranhando o corpo/ar verde da mata. como não era confortável assim como era confortável no mar, eu sentia que precisava resolver essa coisa estranhada. Eu não sabia sustentar o estranhamento, eu não sabia ficar com o problema; eu preferia sair dali.

Mas as plantas foram entrando em casa com o tempo, com ajuda de algumas mãos humanas. E num período que me vi imersa em casa com elas, me ensinaram a estranhar: eu não tinha lá muito intimidade, e me peguei vivendo e gostando de viver com elas... Foi nesta vida junto, nesta vida com, que fui aprendendo a estranhar e sustentar o estranhamento como um gesto de curiosidade, de cuidado. Quando dei por mim, estava ali estranhando as plantas e o bando de coisas que elas fazem acontecer todo dia, o tempo inteiro. Eu via as plantas fazendo aquelas “alguma coisa” assim como a poeta Audre Lorde via na poesia: “a poesia faz *alguma coisa* acontecer” (Lorde 106) - é o estranhamento e não o reconhecimento que faz a gente passar a enxergar essas “alguma coisa” que tanto as plantas quanto a poesia fazem acontecer, tanto que a gente percebe esta alguma coisa acontecer, mas não captura a coisa pelo entendimento ou reconhecimento, a coisa acontece indefinida, a curiosidade permanece ativa, a gente continua perto, cuidando daquela alguma coisa e de quem a fez acontecer. Rola em envolvimento.

Mas isso aconteceu antes de eu achar a palavra *estranhar*, palavra que cabia muito bem para o que estava acontecendo entre mim e as plantas. Quem me deu a palavra *estranhar* foi a Eleonora Fabião: por meio de um texto [5] tramado pela correspondência entre ela e a Izabela Pucu, um texto-irmão mais velho deste que a gente vai tecendo. Parece que assim como as plantas, as palavras fazem acontecer uma porção de coisas, mesmo que para muita gente estarem ali paradas, dadas, significadas, plantadas. Ainda bem que a gente vai estranhar isso juntas, te agradeço muitíssimo pela companhia e pela disponibilidade de troca, mariah.

Lembra da expressão: fulano me deixou *plantada* aqui? *plantada*, i.e., esperando, imóvel.

Imagino e sinto que não há nada de *parada* em estar plantada – eu bem vi com estes olhos zoados, mais envelhecidos do que eu, mas curiosos. Já vi folha de planta dar raiz pela borda, já vi planta picotada virar uma outra novinha de cada pedaço, já vi cortar raiz de planta podre e ela fabricar outra raiz novinha, saudável, já vi com meu dedolhos [6] uma folha ser tapete de Oxalá, outra ter gosto amargo de curar qualquer ressaca. Foi notando tudo isso e vivendo com que estou aprendendo: o estranhamento é uma forma de atenção, de curiosidade, de cuidado.

Em um momento, devo ter embaralhado a “como fazer coisas com palavras?” [7] com “como fazer coisas com plantas?”, sem perceber bem e foram surgindo as imagens de *enxertia* e também as de *te extraño, cariño*. Repara bem: eu não estou interessada em me tornar planta – isso é uma outra viagem, mas quero ser companheira delas, experimentar viver, fazer imagens-mundo com elas. A gente já vive juntas imersas na atmosfera que elas produzem, a gente se alimenta, limpa, cuida, faz casa e móveis, dá brilho, faz remédio, se cura, cicatriza, ufa, faz quase tudo com plantas.

Gentes humanas e mais que humanas, estamos com as plantas agindo agora enquanto nos escrevemos em várias camadas de nossos corpos.

Como fazer coisas-mundo-imagens com as plantas? Talvez seja mesmo esta uma das perguntas que é mais ou menos a pergunta da série *enxertia*. Olha quanta rama espalhada por aqui.

Acho que já te contei que não descubro as perguntas antes das imagens/trabalhos aparecerem. As perguntas nem sempre se tornam visíveis. As imagens, sim, elas vão acontecendo e se revelando, eu as colho pelo caminho, vivendo com elas e quando vejo, já somos um grupo, um grupo de trabalho. Eu quis conversar com você aqui porque acho que olhando juntas para elas, perguntas invisíveis podem aparecer, algumas perguntas podem se tornar outras ou até deixar de fazer sentido no conjunto de *enxertia*.

Vambora mergulhar neste verde de pulmão e olhos abertos?

Tomar um caldo do mar de nossos corpos, juntas?

Uma última coisa: contei para você que me correspondo com uma amiga, a Mariela Becher [8], que está em Berlim. E que me respondi também com uma das minhas irmãs, a Klaudia Kemper, que também é artista, e fizemos o trabalho *correspondências* [9] juntas. E foi de correspondências que nasceram os trabalhos *Carne, Sal e Sangue* [10] em parceria com o Miro Spinelli e o *Litania para um filme que não saiu do papel* [11], com o Nathanael Sampaio. Entrar em correspondência também é um modo de viver-escrever-pensar-sentir-fazer-mundo-junto. É uma forma de fazer pesquisa e ciência, como diz o antropólogo Tim Ingold, que chama a antropologia de ciência da correspondência [12]. Eu quero que toda pesquisa, ciência, trabalho de arte, trabalho do cuidado, seja de correspondência, seja junto-com alguém(ns), feito bem de pertinho, com cuidado e curiosidade dando o ritmo da busca.

Mas voltando às cartas trocadas com a Mariela Becher, quando estava sobrevoando o verde da Amazônia, ia lendo “o desejo dos outros” [13], uma etnografia que cuida do sonhar como prática nos povos Yanomamis. Neste livro, aprendi que uma das palavras para sonho na língua Yanomami é Mari. Mari é o início do nome da Mariela e do seu nome, mariah. Eu sempre escrevi para Mariela invocando o mar em seu nome: mari-mar. Até que, nas alturas, cruzando um rio voador que pairava sobre o Amazonas, aprendi a invocar os sonhos pelo Mari. Curioso é que dá para brincar com você assim também, mari-sonho, mari-mar, mari-ah.

Que bom fazer coisas com palavras com você, minha amiga – que a gente escreva sonhos, oceanos de todas as cores que caibam na gente juntas aqui com as plantas.

“A mãe era pobre de marré, marré; Paiê também era; mas a floresta era rica. Casa se fazia de troncos e barro, com teto de grandes folhas e chão batido. Comida se plantava um pouco, outro pouco se ganhava. Tinha os ovos que a galinha dava, raízes e verduras no mato, o rio cheinho de peixes, árvore frutífera que não acabava mais. Assim que se mudaram, toda fruta que Didó comia ele cuspiu o caroço no mesmo buraco. Foi assim que surgiu uma árvore que hoje ninguém entende, pois a copa de muitos troncos entrelaçados mistura pitangas e abacates, graviolas e jabuticabas, jacas e sapotis, tamarindos, pitombas, manguinhas carlota, cajá, umbú, abiu, jenipapo, laranja, mamão, seriguela, maracujá e mil outras”. (Hirsch)

Rio de Janeiro, 26 de dezembro de 2022,

ana, minha amiga,

Que alegria te receber em palavras por aqui!

Começo, como de costume, agradecendo. E agradeço muito a ti pelo convite generoso para olharmos e pensarmos juntas nós e as plantas esse trabalho tão belo – *enxertia*.

Sim, essa nossa escrita começou depois de mais um trabalho no qual colaboramos com Eleonora Fabião, e mais uma vez à beira-mar, como foi quando fizemos o *LEVANTE* [14], lá em 2018 e também juntas começamos nossa trajetória no mestrado em Artes da Cena do PPGAC-UFRJ, você lembra? Acho importante que nossas leitoras saibam que entre nós vivemos uma amizade bonita e firmada em chãos de muita força, como é o caso do Templo do Vale do Sol e da Lua (TVSL) [15] e do Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGAC - UFRJ) – esses espaços de firmezas e movidas.

Digo também que trabalhar com você é pra mim um presente enorme, pois que não estou de bobeira nesse mundo e aprendo muito com a sua sabedoria e sua convivência com as agulhas, fotografias, poesias e plantas [16] – tudo isso que você trama com uma beleza suave e certa, finíssima e também com saúde, aquela que dança e ensina, mergulha no mar e a terra com inhames. Te leio contando sobre sua estranheza com as matas e sorrio, porque me lembro do dia em que acompanhada das plantas amigas aqui de casa, escutei de uma delas que precisava de me esverdear um tanto e ao ouvir isso, pensei muito em você e no nosso amigo, Ricardo Cabral [17]. Você e Ricardo têm feito amizade com as plantas, estão trabalhando [18] com elas e eu consigo perceber que estão um tanto mais verdes, pensando bastante mais aterrado e arejado ao mesmo tempo; estão plantando e ficando plantadas em movimentos colaborativos os mais inspiradores.

Sabe, ana, o que te vejo movendo junto às plantas, não só com *enxertia*, mas também com teu livro *Te extraño, cariño*, [19] é mesmo cuidado – são essas práticas de cuidado que você cita na sua carta e que eu vejo nitidamente.

Entre te ler e te responder, me encontrei com uma citação do Preciado que diz que:

Para transformar nossa relação com o planeta Terra numa relação de soberania, de dominação e de morte, foi preciso iniciar um processo de ruptura, de externalização, de desafeição. Erotizar nossa relação com o poder e deserotizar nossa relação com o planeta. Convencer-nos de que estávamos fora, de que éramos outro. (Preciado 116)

Li e pensei que com seu trabalho, tão imantado de cuidado e encontro e intimidade e mesmo carinho, você sugere caminho pra uma relação que é de convivência e colaboração.

Mas estar junto é um serviço, né, minha amiga? Não está dado, como nada está. Imagino que são muitas as negociações feitas entre você e as plantas convidadas que topam participar da série, e mais o espaço e mais a pessoa que faz o clique da fotografia e mais e mais e mais. Me conta o que você tem aprendido com essas negociações?

-  
-  
-  
-

Isso, de unir em imagens espécies distintas e experimentar convívio e modos de vida com essas mestras, as plantas, faz mesmo coisas acontecerem.

Assim, me despeço compartilhando com você dois sonhos que *enxertia* fez acontecer em mim.

Da primeira vez, você defendia de novo a sua dissertação, mas agora fazia isso presencialmente, em roda, no chão do TVSL. Ao seu redor, muitas pessoas amadas e muitas, muitas plantas, todas nós juntas. Ao final, algumas das plantas se abraçavam às chamas de uma fogueira e a fumaça, colorida, instaurava uma festa. Era você se iniciando e se tornando mestra, ao mesmo tempo e muito bem acompanhada e dançando.

Depois disso, acho que esse meu desejo de trabalharmos juntas e aprender contigo tomou forma. E sonhei que estávamos numa exposição coletiva, realizada por uma turma de alunas suas. Você era a professora. Eu era sua aluna. O espaço era como um domo, com paredes arredondadas e sem ângulos retos. O trabalho que propus se chamava “entradas e saídas” e era um arco alto e trançado, que parecia de madeira escura; de cada ponta do arco desciam, de um lado, alecrim e do outro, arruda. Parecia um portal. E nós conversávamos porque eu queria colocar perto da

parede e você me dizia pra ficar mais solto no espaço, de modo que as pessoas pudessem escolher se posicionar em diferentes pontos do trabalho. Fizemos como você sugeriu.

Sem folha não tem sonho  
Sem folha não tem festa  
Sem folha não tem vida  
Sem folha não tem nada. [20]

Te abraço,  
mariah.

Rio de Janeiro, 30 de dezembro de 2022,

mariah, tão querida minha.

Os dias deste 2022 estão acabando, falta bem pouco para a virada do ano acontecer e com ela, aquela onda ali que a gente começou a ver levantar neste outubro ainda, vai quebrar à nossa beira trazendo mudança e esperança de recomeçar o país. Se a gente morreu em 2016 [21], estamos agora aprendendo a reviver, mesmo quase tendo perdido o fôlego de vez neste intervalo tenebroso entre golpes e a reeleição do Lula.

Olhei aqui para as lombadas do livro sobre a mesa onde te escrevo/digito estas palavras: ruminações (Felipe Ribeiro), o cogumelo no fim do mundo (Anna Tsing), carta psiconáutica (Pedro Luz), antes o mundo não existia (Umusi Pārōkumu e Toramu Kehiri), livro dos seres invisíveis (Dorion Sagan), o desejo dos outros (Hanna Limulja), metamorfose (Emanuelle Coccia), planeta simbiótico (Lynn Margulis), *mbae kaa-* a botânica nomenclatura guarani (João Barbosa Rodrigues), regenerantes de gaia (Fábio Scarano), uma ecologia decolonial (Malcom Ferdinand), plantas mestras (Jeremy Narby e Rafael Chanchari Pizuri), *po'ã ka'aguy mby'a /recetario de medicina natural do povo Mbyá Guarani* (Luis Cabral), quando as espécies se encontram (Donna Haraway); É uma multidão de vozes lidas/por ler, vozes estas que celebram comigo termos inaugurado o ministério dos povos indígenas sob os cuidados de uma mulher indígena, a maravilhosa Sônia Guajajara, e ainda poderemos contar com Anielle Franco, Marina Silva, Margareth Menezes e Nísia Trindade como nomes brilhantes que compõem o ministério com o maior número de mulheres da história do Brasil. Estamos em festa aqui, imagino que também vocês também estejam. Estivemos e continuaremos sonhando juntas esse mundo/país como um lugar melhor. Assim é.

Seus sonhos, que incríveis! Sigo com eles aqui num misto de honra, alegria, modéstia, mas principalmente agradecidíssima por esta partilha – você está me trazendo um tesouro aqui, assim como foi naquele dia do Levante quando não só nos conhecemos como nos reconhecemos colegas de seleção para o mestrado. E você ainda me ofereceu a carona que me permitiu

chegar ao TVSL, coisa que tinha aberto mão naquele sábado para trabalhar com vocês e Eleonora Fabião. Fiquei de cara com tanta coisa que a gente partilhava já antes mesmo de se encontrar – e de você ter sido meu portal até o TVSL naquele dia, nosso terreiro e lugar do sonho que você me conta primeiro na outra carta. Eu me sinto muito pequenina, muito mesmo ainda, para virar mestra com as plantas no TVSL. Porque ali é um dos lugares onde plantas e outras gentes humanas e não humanas são companheiras e onde as plantas, sim, são tratadas como verdadeiras mestras, assim como sabem tratar também as pessoas indígenas, quilombolas e ribeirinhas. Eu ali aprendi a aprender com elas, eu ali desejo continuar no lugar que eu gosto mais – o de aprendiz, eu ia gostar muito de ser mestre em aprendiz, vou trabalhar/imaginar/magiar/sonhar para assim isso ser.

Você me pergunta o que tenho aprendido com as negociações imbricadas a partir de *enxertia* – posso te responder com um sonho?

Um pouco antes de viajar para Manaus e conhecer a floresta, a casa e a pesquisa da Damiana Bregalda [22], eu me via num país europeu genérico com um grupo de pessoas daquele país – um grupo de pessoas brancas, intelectuais ou artistas. Conversávamos em torno de uma mesa, talvez fosse um jantar e eu ouvia por muito tempo as lamentações deles, pois todas as possibilidades do mundo não se acabar teriam se esgotado. Essas pessoas sentiam como se a vida fosse um beco sem saída, e seguiam descrentes até um fim, aceitando isso como dado. Em algum momento eu tentava dizer: de onde eu vim, conheço pessoas que sabem ver outros mundos, sabem inventar/fazer outras coisas. Não sou eu que sei, mas conheço outras gentes que sabem. Eu venho do sul e se cá no norte consegui chegar, é para dizer que estes outros modos de fazer mundo existem. Mas tudo o que eu dizia/tentava dizer não só não ganhava ouvidos como também a mim mesma parecia um discurso facilmente confundível com meritocracia ou com privilégio branco, apropriador de sabedorias outras. Saindo deste sonho, estes continuam sendo meus temores.

Como cuidar para que esta relação de fazer mundo com as plantas não caia nestas armadilhas? Como ficar alerta à minha branquitude para não estar cega pelos privilégios? Como me posicionar mesmo nesta relação-com e não *sobre* as matérias, gentes, vidas, mundos que queremos viver? Essas respostas não vão chegar, mas eu preciso seguir na busca delas. Faz parte da pesquisa, faz parte de vontade de seguir aprendiz.



Fig.2. *Tradescantia-me*, 2022 da série *enxertia*. Fonte: acervo pessoal da artista ana kemper.

Falando em pesquisa, penso que não só na sua etimologia, a pesquisa tem a ver com o cuidado. São dois “serviços” que, se a gente der bobeira, tendem a ser invisíveis ou não remunerados, especialmente quando feito por mulheres. Toda a pesquisa de mestrado e toda a pesquisa que sustenta *enxertia* não foram remunerados e/ou financiados. Estamos naturalizando que é aceitável fazer pesquisa sem sustento para isso. E acumulando serviços invisíveis de cuidado – pesquisa, maternidade, cuidados com a casa, cuidados com a saúde – sem receber sustento (nem reconhecimento) para seguir pesquisando.

E olha que, se isso é assim para a gente, duas mulheres brancas que vivem em uma capital do sudeste, com acesso à universidade, imagina para a multidão de erveiras, indígenas, faveladas, sertanejas, quilombolas? Quem dá sustento à pesquisa destas mulheres? Quem as valida? Olha quantos mundos elas sabem, quantos mundos elas oferecem, assim como as plantas, os cogumelos, as bactérias e outros seres invisíveis. Uma das formas de acabar com estes mundos é simplesmente não sustentando seus *pontos de vida*, as pesquisadoras que fundam estes mundos junto com toda a sorte de gentes que compõe a galera delas, não acha? A filósofa e pesquisadora Cristine Takuá, mulher indígena Maxakali tem feito um esforço muito grande em mostrar o desinteresse da academia em conversar com o que ela chama de seres criativos da floresta, dentre eles as plantas-mestras (Takuá 5). Neste desinteresse, uma porção de coisas que estes seres sabem fazer acontecer, várias sabedorias de povos humanos e mais que humanos, se perdem

por não serem levadas em consideração, pois estes seres criativos são vistos por muitos apenas como recursos para o desenvolvimento ou como mercadoria, e nunca como seres para entrar em correspondência, em envolvimento. É uma dádiva para mim que a Cris Takuá partilhe conosco seu conhecimento, me ensine a ver as plantas como seres criativos da floresta, como mestras que me ensinam este bando de alguma coisa que elas sabem fazer. Não fosse esta partilha, talvez eu só continuasse a ver um vaso de planta como objeto de decoração, mas esta troca com a pesquisa, com a política e com os pontos de vida desta mulher, me fez também aprender a estranhar e assim ver as ervas não como um produto que uso para tratar de mim ou de alguém, mas como minhas companheiras criativas e sábias, minhas mestras mais que humanas.

...

Interrompi a escrita pois tocou o interfone – chegaram os pacientes para atendimento enquanto escrevia ontem – a primeira paciente me trouxe um livro de presente – “a magia das folhas” [23]. Isso de ter feito amizade com as plantas é uma verdadeira fortuna: ao ser reconhecida como amiga das plantas, os amigos e gentes me trazem mais plantas, livro de plantas, coisas de planta e o rol de amizades vai ficando mais vasto e mais verde, vai rolando mais e mais envolvimento, muitas flechas de afeto vão sendo lançadas, mas diferentes do cupido, onde pares caem de amor um pelo outro ficando cegos para o mundo, entendo estas flechas como o seu trabalho no sonho – flechas de arruda e alecrim que compõe arcos-portais que talvez nos espantem os olhos para continuar no mesmo lugar, vendo/compondo outros mundos.

Para fechar, trago uma frase da Haraway do início do livro “quando as espécies se encontram”, quando ela está conversando com o Preciado (que você trouxe na outra carta) acerca da proposta de mundializações-outras que mais do que uma resposta antiglobalização neoliberal, são ações que fomentam uma outra maneira de globalização promissora possível justamente no reatar de laços da “corriqueira vida multiespécies” neste planeta. Haraway escreve: “Acho que aprendemos a ser mundanos ao enfrentarmos o corriqueiro em vez de generalizá-lo.” (Haraway, *Quando as espécies se encontram* 10)

Humildemente eu proponho a troca de uma única palavra nesta frase: enfrentarmos por estranharmos. Eu não tenho o original em inglês para checar qual a palavra que a autora escolheu para enfrentarmos, mas no dicionário de português o verbo enfrentar diz algo sobre atacar, disputar, encarar, superar, ficar diante de, defrontar-se. Enquanto estranhar diz algo sobre considerar estranho. Considerar tem com/junto e sidus/estrela, e eu que não estou de bobeira e cresci escutando o Gilberto Gil (músico brasileiro e ex-ministro da cultura) cantando: “se oriente, rapaz, pela

constelação do cruzeiro do sul”, prefiro seguir com a palavra-estrela junto, que estou ligada que as estrelas estão lá no céu, mas também aqui pelas poeiras de nossas casas.

Um beijo muito grande para 2023

Muito agradecida pela sua companhia nesta escrita-vida!

Com amor,

Cabocla seu penacho é verde  
seu penacho é verde  
é da cor do mar  
é a cor da cabocla jurema  
é a cor da cabocla jurema  
é a cor da cabocla jurema  
Juremá  
Cabocla seu penacho é verde  
seu penacho é verde, é da cor do mar  
Eu vou me banhar  
lá nas águas claras  
nas águas de janaína  
lá nas águas claras [24]

Rio de Janeiro, 4 de janeiro de 2023,

ana, minha considerada,

Te respondo do futuro. Hoje já é o ano de 2023 e temos, agora sim, um presidente no Brasil. Do futuro, digo, em relação às nossas últimas cartas. Te escrevo do presente, finalmente. Imaginamos tantas e tantas vezes esse futuro nos últimos seis anos [25] e agora que chegamos, recebemos o presente, imenso e belo o presente.

“Democracia para sempre” foi o que Lula disse em um dos discursos no dia da posse, sugerindo, de modo afirmativo, a substituição da frase de luta “ditadura nunca mais”. De pra sempre eu não entendo, não sei, mas sei que essa democracia a qual nosso presidente se refere amparado por tantas vidas que trabalham em parceria com ele, essa democracia me conta que estamos agora trabalhando na mesma direção de brasis mais alegres e colaborativos. E isso meu corpo sente. Você sente, ana? Aquele cansaço persistente por nadar contra uma corrente odiosa de perversidade e desencanto cedendo e abrindo espaço pra alegria, essa força maior, essa aderência radical à vida e ao viver?

Sim, nós estivemos e estamos em festa. E que festa, ana, que festa! Você viu? Te conto que eu estava de frente pro mar enquanto assistia aos dois discursos do Lula, à subida da rampa do Planalto, àquela cena de beleza e força imensas que foi o Lula recebendo a faixa das mãos das gentes [26] do Brasil. Estamos mesmo trabalhando juntas. Estamos com essas pessoas que você viu em sonho e que sabem ver, imaginar e fazer outros mundos. Vamos seguir trabalhando e muito, mas ao invés de passarmos todo o tempo nos defendendo do sufocamento contínuo, poderemos inventar e praticar realidades diversas e encantadas, pequenos brasis que nada têm de gigante, pequenos brasis-Bethânia, brasis cadelinhas resistência.

Eu já tinha lido sua carta antes da meia noite do dia 31 de dezembro e fiquei com algumas frases-imagens me acompanhando durante a virada, durante a festa.

Pensei na “multidão de erveiras, indígenas,

faveladas, sertanejas, quilombolas” que você trouxe e sorri ao notar que elas estão incluídas nos discursos do presidente e que são reconhecidas e valorizadas no discurso do ministro dos Direitos Humanos e da Cidadania, Silvio Almeida.

Pensei no encontro das espécies que você trouxe acompanhada da Haraway e sorri vendo a Resistência, uma cadelinha vira-lata, subir a rampa do Planalto.

Pensei nas suas tantas perguntas-temores-sem resposta e sorri ao compreender que ainda que sigamos pra sempre nessa busca que é tão fundamental e tão cara às nossas pesquisas, você mesma sugere uma possível resposta (ou talvez não uma resposta, mas uma possibilidade, uma prática...) que é a possibilidade de fazer junto com. E sorri também porque entendo que essa é justamente a prática do atual governo que mais nos faz festejar, é uma multidão colaborando com a criação de mundos possíveis. Como isso te parece, ana?

Como você pôde ver ler, daqui eu ando sorrindo.

Como fiz quando cheguei no seu último parágrafo e só pude concordar com sua proposição de substituir enfrentar por estranhar na já belíssima citação da Haraway e que fica ainda mais bela com esse pequeno desvio de tradução que você sugeriu.

Primeiro, porque aprendi com Eleonora que “produzir estranheza é cuidar” (Fabião, “Produzir estranheza é cuidar”) e gosto demais do tanto que o cuidado tem insistido em comparecer nessas nossas cartas-pensamento ao redor de *enxertia*.

Depois, porque aprendi contigo que estranhar carrega por dentro a palavra considerar e daí fiquei com vontade de te contar que, há tempos, a pesquisadora Luiza Toschi [27] tem trabalhado com o significativo consideração e suas flexões, apostando (junto com você acompanhada do Gil) que se trata de “com sideral ação”, ou como ela tem gostado de aplicar: “agir com o espaço”. E eu tenho especial apreço por esse significado e a imagem ao mesmo tempo harmoniosa e caótica que ele evoca de um fazer junto com aquilo que está em movimento, vivo.

Me lembrei de uma gíria paulista que é usada para se referir a pessoas que são protegidas de outra ou respeitadas ou mesmo amigas. Nesses casos, diz-se que “fulana é minha considerada”. É isso que vocês fazem, né, minha amiga? Digo, você e as plantas têm feito isso em *enxertia*, se protegem, se acompanham, se respeitam, fazem amizade, se cuidam... vocês se consideram.

Por fim, ana, te conto de um sonho que foi o mar que me contou. Já não sei se no finalzinho do ano passado ou início desse ano. Eu na areia de frente pra imensidão verde do mar aberto em Maricá ouvi uma gargalhada e saquei que a piada era eu. Eu, você, nós, os insetos humanos que vamos perder nossa oportunidade de estar junto com esse planeta a não ser que a gente aprenda imediatamente a conviver com “as plantas, os

cogumelos, as bactérias e outros seres invisíveis”. Só tem mesmo a possibilidade de considerar, de cuidar, de prestar nossos serviços, servir à vida. Ou é isso ou não é. Eu ouvi isso do mar e esse meu sorriso persistente tratou de aparecer de novo. Teve alguma coisa parecida com um medo que foi embora ali levado pelas ondas. A vida é maior e ela vai seguir. Ou a gente aprende e se torna mesmo mestre em ser aprendiz da vida ou a gente aprende e se torna mesmo mestre em ser aprendiz da vida. Faz diferença é o como.

A terra deu, a terra dá, a terra cria  
 Homem a terra cria, a terra deu, a terra há  
 A terra voga, a terra dá o que tirar  
 A terra acaba com toda mal alegria  
 A terra acaba com inseto que a terra cria  
 Nascendo em cima da terra, nessa terra há de viver  
 Vivendo na terra, que essa terra há de comer  
 Tudo que vive nessa terra, pra essa terra é alimento  
 Deus corrige o mundo pelo seu domínio  
 A terra gira com o seu grande poder.  
 Grande poder, com o seu grande poder. [28]

Seguimos com força, alegria e fé na vida.  
 Te amo,  
 mariah.

Se oriente, rapaz  
 Pela constelação do Cruzeiro do Sul  
 Se oriente, rapaz  
 Pela constatação de que a aranha  
 Vive do que tece  
 Vê se não se esquece  
 Pela simples razão de que tudo merece  
 Consideração. [29]

Rio de Janeiro, 15 de janeiro de 2023,

mariah!

Quando voltei à letra de Oriente e topei com a palavra consideração na última estrofe do primeiro verso, imaginei que o poeta-ministro sabia muito antes desta correspondência que consideração é uma palavra-estrela. E que também sempre soube olhar para o alto e para os cantos empoeirados e considerar o tecer das aranhas tanto quanto o cruzeiro do sul para se orientar.

Eu tive um sonho com plantas e constelações uma noite após o primeiro dia útil deste 2023, quando peguei o metrô para terapia e senti toda essa alegria que você me conta na última carta – a segunda-feira parecia em festa nos vagões e na Cinelândia – coalhada de gringos visitando o centro com o sol brilhando. Havia vida circulando pelo espaço, vida alegre, ou era eu que via tudo com alívio e alegria orientada pelas estrelas comuns que acompanharam o presidente Lula subindo a rampa do planalto, ou movida pelas palavras-miradas de Silvio Almeida para todos as gentes que tecem este país em seus cantos.

Havia recém mudado para uma cidade de praia, a casa ficava na rua aroeira. Deixo a casa em festa de noitinha, indo em direção ao mar. A orla era a subida de uma duna, no alto, havia um canal de mar, paralelo ao mar, havia uma balsa-horta com muitas mudas plantadas e uma senhora-erveira muito curtida de sol, dirigindo a barca para o outro lado do canal do alto da duna, parando numa estação-botânica, onde a erva se despede enquanto me apresento e digo que gostaria de uma parceira com ela, pois também trabalhava com plantas. Deixo a barca e desço a duna, a areia é plana mais abaixo, está escuro, mas o céu muito, muito estrelado. Sigo pela beira d'água olhando toda aquela fartura sideral, distraída de um certo medo de escuro em lugares abertos, até que vejo uma constelação em forma de pássaro, composta por estrelas vermelhas. O pássaro-estelar voa, batendo suas asas na direção oposta de onde vou; paro, sigo com os olhos e penso: nunca tinha visto constelações-cadentes antes. Quando perco o pássaro de vista, meus olhos seguem encantados com toda a farra/dança de corpos celestes.

...

As palavras fazem umas coisas loucas, não é, minha amiga?

Fui brincar com consideração, a palavra-estrela e acabei sonhando com um endereço-plantas (aroeira é de Exu e Omulu, salve os caminhos abertos e os caminhos da cura – aroeira é uma planta supercurativa, está sendo bastante estudada agora pelo que os mais velhos ali do Morro da Mangueira já sabiam: infusão de aroeira é super curativo de feridas), com uma balsa-horta e com uma constelação-pássaro.

Aqui no Rio, também usamos a gíria “considerado”, mais no subúrbio que na zona sul. Uma pessoa considerada é uma pessoa de respeito, que mandou bem com a galera, é de resposta, tá bem na fita. As plantas de *enxertia* – as plantas de forma geral, do meu ponto de vista (vida) são, em bom carioquês, *consideradas*.

Elas sabem agir aquele bando de coisa que já falamos: remédio, comida, móvel, roupa, atmosfera, e a gente ainda não achou palavras para elas, não aqui no ocidente, mesmo ao sul global, temos poucos recursos linguísticos para achar as palavras capazes de dizer o que podem as plantas:

Talvez, então, o que a gente precisa ter para compreender os subterrâneos da floresta seja uma linguagem completamente nova’, eu digo. ‘Uma linguagem que não converta a vegetação aos nossos valores de um modo automático. A nossa gramática atual milita contra a vida animada; nossas metáforas, por hábito e por reflexo, subordinam e antropomorfizam o mundo mais que humano. (Macfarlane 28)

Encontrei estas palavras no artigo que te enviei outro dia. Ele é uma conversa de um escritor com um jovem cientista especialista em florestas. Eles estão trocando ideias entre o que seria a *world wood web*, a rede composta pelas micorrizas, um emaranhado de raízes vegetais e fungos que estão nos subterrâneos da floresta e são fonte de comunicação e cooperação interespecies. As micorrizas são como uma estrutura composta por mais de 1 espécie e que “atende” necessidades tanto fungos quanto de vegetais; e ainda é uma palavra composta: *mico* – fungo / *riza* – raiz. Vagueando neste texto-floresta, sempre passamos por momentos em que a tensão entre as palavras, o pensamento e a floresta são torcidos para que algo diferente possa, enfim, estar a nossa vista, inclusive palavras e linguagem capazes de darem conta do que se passa nas micorrizas. – o pouco já compreendido pela ciência a respeito desses emaranhados simbióticos, o traduzem como uma interconexão da floresta que funciona ou como um modelo de livre mercado de informações e recursos guiado pela competição e pela noção de custo-benefício dos indivíduos associados ou pelo modelo socialista, onde a micorriza permite que árvores cuidem uma das outras e que árvores e fungos



troquem recursos básicos favorecendo a vida de cada um deles pela cooperação. O cientista botânico é quem diz que reduzir o que acontece nas micorrizas a estas duas possibilidades é pobre, a linguagem – palavras, sintaxe e gramática – não dá conta e está limitando o que as micorrizas fazem justamente quando tentam explicá-las.



Fig.3. *Persea-me*, 2022 da série *enxertia*. Fonte: acervo pessoal da artista ana kemper.

A mim, o estranhar gera cuidado, atenção, consideração e também, talvez, quiçá, oxalá – novas palavras, gramáticas e sintaxes surjam enquanto estamos estranhando em silêncio, as micorrizas.

No fundo, volto a dizer que *enxertia* é um destes exercícios de estranhar o comum – as plantas que toparam chegar no trabalho são as mais ordinárias – plantadas aqui em casa, trazidas de lugares afetivos, mas nenhuma delas é uma planta especial: uma batata doce brotada, um caroço de abacate virando árvores, uns ramos de *Tradescantia* que cantei num mato – são comuns, quase invisíveis de tão banais, mas elas já tinham feito suas mágicas para mim e me encantado.

Curioso: nas religiões de matriz africana, quando trabalhamos com ervas/plantas, é preciso saber encantá-las para despertar suas magias – há cantos para cada uma delas – lembra da Adriana cantando um canto de encantar o Peregum para Eleonora num seminário em 2021? [30]

Em *enxertia* elas é que me encantaram, e as imagens vem daí deste movimento de encantamento interespecies: se palavras outras ainda estão me chegando, se eu ainda demoro a reconhecê-las, as imagens de *enxertia* talvez sejam uma forma de linguagem. Ou pelo menos a maneira de seguir tentando traduzir essas outras linguagens que nos faltam; ou mesmo de alargar as que já temos para que caibam estrelas, raízes, vida dentro delas; e que elas transbordem tudo isso que elas têm e sabem oferecer.

Eu queria acabar aqui te dizendo que a demora nesta resposta talvez tenha acontecido justo porque depois

da alegria imensa da posse do Lula – você reparou no gesto de artista que os políticos fizeram acontecer ali? Da ausência com a qual o antigo governo tentou produzir quebrando o protocolo de sucessão, estas pessoas fizeram florescer um novo gesto: foram representantes do povo brasileiro que passaram a faixa para o novo presidente assumir. Mais lindo ainda ver a faixa vir das mãos de uma mulher negra. Eu fiquei sonhando com o momento desta faixa fazer o movimento contrário, sair da mão do Lula para as mãos de uma mulher negra ou indígena. Infelizmente não foi perdida neste sonho que me demorei a te responder, mas sim porque fui pega durante esta escrita pelos acontecimentos do dia 8/01/23, quando aqueles que não suportam pensar em outras maneiras de achar linguagem, de descobrir sentidos e de viver a vida – quebraram aquilo que eles diziam justamente defender: os prédios dos Três Poderes. E neste movimento de expansão/alegria, contração/terrorismo me vi tomando um caldo quase sem fim nesta maré fascista que insiste em bater por aqui.

Mas, na sexta última, depois de atender de manhã e antes da reunião para planejamento da exposição que vai acontecer em abril com as imagens de *te extraño*, *cariño* e *enxertia*, me dei o direito de um mergulho curativo, o mar sempre me é remédio, e é nele que quero acabar estas palavras, assim como o início delas foi um SIM bem salino. Quando fui pagar o coco na barraca um pouco antes de sair, desejei um bom ano novo para o homem que me atendeu e ele disse que já estava melhorando, eu arrisquei e emendei, imagino, depois da posse do Lula. Ele disse isso mesmo, e que está botando muita fé neste governo, especialmente pela presença da Anielle Franco, pois ele como homem de comunidade, tinha muita admiração por sua trajetória e precisava do trabalho dela de ministra bem feito (igualdade racial). Respondi: Oxalá será ela a receber a faixa das mãos de Lula, daqui há 4 anos. Ele me respondeu: Kaô, Kabecilê.

Assim foi, assim é.

A magia marítima está lançada.

Te amo,

Rio de Janeiro, 20 de janeiro de 2023,

ana, minha irmã,

Você disse que no encantamento interespecies de *enxertia* talvez já more uma proposição de linguagem-planta?

### **enxertia – portal dádiva**

caminhadas

o verde-azul de lemanjá

a densidade verde das matas fechadas – a abertura possível

e

estranha muito estranha força estranha

a pergunta raiz: “como fazer coisas com plantas?”

a imagem-oferenda: “acho que já te contei que não descubro as perguntas antes das imagens/trabalhos aparecerem. As perguntas nem sempre se tornam visíveis”.

o convite pra encher de verde pulmão olhos e palavras.

um sim mergulhado

agradecer é pensar e é cuidado.

*enxertia* é estranhar e é cuidado.

“te extraño, cariño” é cuidado e é cuidado

haja cuidado

haja negociação haja serviço

e sonhos.

um

dois

três

quatro

cinco

e mais, muitos mais.

aprendiz de mestra aprendiz

portais e escolhas

um

dois

três

e mais

negociações

muitas mais

atentas e fortes há temores e armadilhas, mas não

estamos de bobeira nunca de bobeira não

uma casa de fé e suas movidas

uma casa de fé e o respeito aos modos de vida mais

que humanos, outros que.

haja cuidado

haja negociação haja serviço

e trabalho e mais.

trabalho

maria eleo cris mar seu corpo a mata verde verde verde yanomami mariela mari-sonho mari-mar sônia ricardo paul fumaça arruda alecrim maria luiz sonia anielle marina margareth cristine damiana donna

gilberto estrela cabocla jurema maria resistencia silvio luiza mar terra sol trem aroeira pássaros batata doce abacate tradescantia quem vem chegando ordinária consideradas as palavras fazem umas coisas loucas, não é, minha amiga?

balsa-horta

constelações-cadentes

balsa-horta

constelações-cadentes

exu omolu mangueira fungo raiz floresta oxalá novas

palavras oxalá adriana o homem kaô

sustentar as pesquisas

sustentar as vidas

os mundos

sustentar

e fazer amizade

amizades

a galera considerada – as amizades

estranhas e consideradas

alegria fé na vida e banhos de mar

e caldos caixotes tsunamis

fascistas (sem anistia)

que onda

*enxertia* portal de dádivas

*enxertia* proposição-linguagem-planta

*enxertia* é

*enxertia* faz

é daquelas coisas

daquelas “coisas que precisam ser feitas” (Fabião,

“Coisas que precisam ser feitas” 15).

dia de Oxóssi caçador de uma flecha só o rei das

matas verde vermelho branco

e verde

como os pulmões e os olhos.

Te extraño, ana

com cariño, mariah.

## Notas

[1] Ações propostas por Eleonora Fabião com as quais nós duas colaboramos, em dezembro de 2022.

[2] Eleonora Fabião é performer, teórica da performance, escritora e professora universitária.

[3] Cristiana Grumbach, documentarista, astróloga e psicanalista.

[4] Trecho de “O pastor amoroso”, poema de Alberto Caeiro/ Fernando Pessoa, 2006.

[5] Troca de correspondência entre Fabião e Pucu, publicada em 2021 pela revista *Presente*.

[6] Dedolhos: tradução de “fingery eyes”, conceito de Eva Hayward para a união háptico-óptica entre câmeras com criaturas marinhas, trazido por Haraway, 2022.

[7] Brinco aqui com a tradução do livro de L. Austin “*how to do things with words*” traduzido em português para “quando falar é fazer”, preferindo a tradução literal “como fazer coisas com palavras” para pensar em como fazer coisas junto/com plantas.

[8] Mariela Brecher, professora universitária, pesquisadora e escritora argentina radicada no Brasil.

[9] *Correspondências*, 2015 – ana e Klaudia Kemper .disponível em: <https://vimeo.com/157608383>, acessado em 31/03/2023

[10] Performance realizada em 2016 em parceria com Miro Spinelli, que derivou a instalação *carne, sal e sangue / curtido* - exposta em 2019, realizada com resíduos da ação de 2016 guardados/curtidos por 3 anos (correspondência impressa em papel vegetal e rasgada durante a ação, sal grosso, recipiente de vidro).

[11] Performance realizada com Nathanael Sampaio, 2019, no CMAHO, re-encenada na mostra de performance “corpos críticos” e na mostra “modos de fazer” na UERJ, em 2019.

[12] Fala de Tim Ingold a respeito do significado da pesquisa em arte, trazendo o conceito de ciências da correspondência e relacionando a pesquisa com o cuidado e a curiosidade. disponível aqui: <https://soundcloud.com/ccg-glasgow/tim-ingold-search-and-search-again-on-the-meaning-of-research-in-art> acessado em 23/03/23

[13] *O desejo dos outros*, livro onde a antropóloga Hanna Limulja faz uma etnografia dos sonhos dos Yanomamis.

[14] *LEVANTE* é uma ação concebida e conduzida por Eleonora Fabião. Foi realizada entre os dias 22 e 28 de setembro de 2018 no Rio de Janeiro, durante a programação da Feira de Arte ArtRio 2018. Colaboraram nesta ação: ana kemper, André Telles, Clarice Panadés, Davi Palmeira, Elilson, Felipe Ribeiro, Fernando Salis, Filipa Francisco, Gabriel Morais, Jabal EL Murbach, Jaime Acioli, mariah miguel, Miro Spinelli e Viniciús Arneiro.

[15] Templo do Vale do Sol e da Lua é um terreiro de Umbanda localizado em Maricá-RJ, guiado pelo dirigente espiritual babalorixá Pai Luiz d’Omolu e pelo babakekerê Pai Thiaguinho. Todas as vezes em que afirmo características a respeito de seres e divindades da Umbanda, tenho como referência o que se pratica especificamente no TVSL. A Umbanda não tem um livro sagrado único e a liturgia varia

conforme cada terreiro ou casa de fé.

[16] Me refiro às práticas médicas, de acupuntura, artísticas, fitoterapêuticas, de jardinagem e mais; bem como aos modos de trançar e tecer tais práticas.

[17] Ricardo Cabral é mestre e doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Atualmente, em sua pesquisa de doutorado, investiga a realização de programas performativos entre humanos e não-humanos, como forma de desativar o Antropoceno.

[18] Me refiro mais especificamente ao espetáculo *AMAZONA*, dirigido por Ricardo Cabral na cidade do Rio de Janeiro em 2018; e ao livro *te extrãno, cariño (2021)*; e à série *enxertia (2021-2023)*, ambas de ana kemper.

[19] Livro de ana kemper autopublicado em 2021, em correspondência à sua pesquisa de mestrado, onde a relação interespecie entre ana e as plantas domésticas se traduz em imagens fotográficas e poemas. disponível aqui: <https://vimeo.com/686073977>

[20] Referência à música *Salve as Folhas*, composta por Gerônimo e interpretada por Maria Bethânia.

[21] Passô apud Abreu. En Abreu e Fabião 2016.

[22] Damiana Bregalda é artista, curadora, antropóloga e pesquisadora independente, além de grande amiga. O encontro de nossas pesquisas se deu em sala da aula de disciplina ministrada por Eleonora Fabião em 2016, e foram se entrecruzando novamente em 2020/2021 no grupo de estudos amores, auras, afetos, coordenado por Damiana. Neste reencontro, apresentando minha pesquisa para Damiana, conversando sobre as imagens de *enxertia*, a pesquisadora me contou que seu avô era mestre nesta técnica que consiste em enxertar um galho de uma planta, no caule de uma outra planta madura - o nome caiu tão bem às imagens que não tive dúvida em pedir a benção da pesquisadora para batizá-las assim.

[23] Livro do Babalorixá Diego de Oxóssi.

[24] Referência à música *Cabocla Jurema*, interpretada por Maria Bethânia.

[25] Referência ao golpe sofrido pela presidenta Dilma Rousseff no ano de 2016, no Brasil.

[26] O presidente anterior optou por não passar à faixa presidencial para o presidente legitimamente eleito Luiz Inácio Lula da Silva. Assim, durante a cerimônia de posse do presidente Lula, quem entregou a faixa para o presidente foi um grupo de representantes da sociedade civil brasileira, composto por 8 pessoas, sendo o cacique Raoni Metuktire, liderança indígena; Francisco, criança de 10 anos; Wesley Rocha, DJ e metalúrgico; Murilo de Quadros, professor; Jucimara dos Santos, cozinheira; Ivan Baron,ativista na luta anticapacitista; e Aline Souza, representante do Movimento Nacional de Catadoras de Materiais Recicláveis.

[27] Luiza Toschi é comunicóloga, mestranda em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Atualmente pesquisa não-violência.

[28] Referência à música *Grande Poder*, composta por Mestre Verdellino e interpretada pelo grupo Comadre Fulozinha.

[29] Referência à música *Oriente*, composta e interpretada por Gilberto Gil.

[30] Referência à ação *Uma coleção de mãos e patas e folhas e asas e barbatanas e*. apresentada no simpósio “Tempos das mãos - e patas e folhas e asas e barbatanas e”, no canal do Núcleo Experimental de Performance da UFRJ (NEP/UFRJ) em maio de 2021. Ver mais em: <https://www.youtube.com/watch?v=eYGNS5Ud0S0>. Acesso em 23 dez 2022.

### Obras citadas

Abreu, Marcio, e Eleonora Fabião. *Troca de e-mails entre Marcio Abreu e Eleonora Fabião*. Sala Preta – PPGAC USP, 2016.

Austin, Langshaw. *Quando dizer é fazer*. Artes Médicas: 1990.

Cabral, Luis. *Po'ã Ka'Aguy Mby'a - Recetario de Medicina Natural del Pueblo Mbyá Guarani*. Editorial Arandurá, 2021.

Coccia, Emmanuelle. *Metamorfose*. Dantes, 2020.

Comadre Fulozinha. “Grande poder”. *Comadre Fulozinha*, CPC-UMES, 1999.

Fabião, Eleonora. “Produzir estranheza é cuidar: azul, azul, azul e azul”. *Revista MESA*, vol. 5, 2018.

---. “Coisas que precisam ser feitas”. *ARTE\_BRA Eleonora Fabião*, organizado por Galciani Neves et al. Automatica, 2021a, pp. 15-141.

Fabião, Eleonora, e Izabela Pucu. “Correspondência 3”. *Revista Presente*, editada por Anna Maria Matolino e Paulo Miyada, 2021b, Web.

Ferdinand, Malcolm. *Uma Ecologia Decolonial - pensar o mundo a partir do mundo caribenho*. Ubu, 2022.

Haraway, Donna. *Manifesto das espécies companheiras*. Bazar do Tempo, 2021.

---. *Quando as espécies se encontram*. Ubu, 2022.

Hirsch, Sonia. *Didó*. Corre Cotia, 1999.

kemper, ana freitas. *te extraño, cariño*. livro de artista autopublicado, 2021.

Limulja, Hanna. *O desejo dos outros: uma etnografia dos sonhos Yanomamis*. Ubu, 2022.

Lorde, Audre. *Sou sua irmã — escritos reunidos e inéditos*. Ubu, 2020.

Luz, Pedro. *Carta Psiconáutica*. Dantes, 2015.

Macfarlane, Robert. “Os subterrâneos: uma viagem fascinante ao subsolo das florestas”. *Revista Piauí*, no. 164, maio 2022

Margulis, Lynn. *Planeta Simbiótico - um novo olhar para evolução*. Dantes, 2020.

Narby, Jeremy, e Rafael Pizuri. *Plantas Mestras - Tabaco e Ayahuasca*. Dantes, 2022.

Pãrökumu, Umusi e Torãmu Kéhíri. *Antes o Mundo Não Existia*. Dantes, 2019.

Pessoa, Fernando. *Poemas completos de Alberto Caeiro*. Martin Claret, 2006.

Preciado, Paul B. *Um apartamento em Urano: Crônicas da Travessia*. Zahar, 2020.

Ribeiro, Felipe. *Ruminações: a arte da performance - entre o prazer e a resistência*. Circuito, 2022.

Rodrigues, João Barbosa. *Mbae Kaa - O Que Tem Na Mata: a botânica nomenclatura indígena*. Dantes, 2018.

Sagan, Dorion. *O Livro dos Seres Invisíveis*. Dantes, 2022.

Scarano, Fabio. *Regenerantes de Gaia*. Dantes, 2019.

Sontag, Susan. *Contra a interpretação: e outros ensaios*. Companhia das Letras, 2020.

Takua, Cristine. *Seres Criativos da Floresta*. Caderno Selvagem 4 - publicação digital editora dantes biosfera, 2020. Web. Acesso em 24 dez 2022.

Tavares, Gonçalo M. *Uma Viagem à Índia*. Leya, 2010.

Tsing, Anna L. *O Cogumelo No Fim do Mundo - sobre a possibilidade de vida nas ruínas do capitalismo*. n-1, 2022.

### Biografia dos autores

Ana Kemper é pesquisadora médica, escritora e artista visual. Vem investigando, de forma independente, questões que permeiem as relações entre corpo, pensamento e paisagem, expressando-se pela escrita, fotografia, vídeo e performance. É Mestre em Artes da Cena pelo PPGAC-ECO/UFRJ.

Mariah Miguel é artista pesquisadora, performer, diretora teatral e professora. Mulher, lésbica e mãe. Mestre e Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena, na UFRJ, onde integra o Núcleo Experimental de Performance da UFRJ.